

A BIBLIOTECA ENTRE O SUBJETIVO E A METÁFORA

Helena de Fátima Nunes SILVA*
Leilah Santiago BUFREM**

RESUMO

Analisa, em exercício teórico-crítico, aspectos relacionados às concepções de biblioteca como expressão do subjetivo e das subjetividades no discurso, passíveis de revelar o imaginário, as percepções, as contradições e a maneira como as pessoas adquirem o conhecimento.

Palavras-chave: Conceito de biblioteca.

A metáfora, expressão das subjetividades, se nos apresenta como uma das chaves para a leitura o discurso sobre a realidade da biblioteca. Isso porque essa figura da linguagem simbólica representa um aspecto expressivo da concepção de mundo e conseqüentemente de biblioteca, de um determinado grupo social, manifestando-se de modo especial pela imaginação. A linguagem, em sua dimensão simbólica, permite o remetimento do significado das metáforas, a outros significados, além do objeto. Ao retornar à cena do discurso filosófico e científico, a partir do século passado, a Retórica trouxe consigo a metáfora como objeto de preocupações acadêmicas. Se-

(*) Helena de Fátima Nunes Silva é mestre em Educação e docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná.

(**) Leilah Santiago Bufrem é doutora em Comunicação pela USP e docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná.

gundo o multicitado conceito aristotélico, a metáfora consiste em dar a uma coisa um nome que pertence a outra: transferência que se pode efetuar do gênero à espécie ou da espécie ao gênero ou de espécie a espécie, com base numa analogia (ARISTÓTELES, 1944, p. 483). Dessas possibilidades de estabelecer transferências, relações e analogias, procede o fascinante poder de projetar o mundo atribuído à metáfora.

É através da linguagem simbólica, onde flui a emoção e os sentimentos, que são oferecidas sínteses ou imagens dos objetos. Como diria CHAUI, esse tipo de linguagem “leva-nos para dentro dela, arrasta-nos para o seu interior pela força de seu sentido, de suas evocações, de sua beleza, de seu apelo emotivo e afetivo” (...) ...fascina e seduz (...) “nos dá a conhecer um mundo criando outro, análogo ao nosso, porém mais belo ou mais terrível do que o nosso, mais justo ou mais violento do que o nosso, mais antigo ou mais novo do que o nosso, mais visível ou mais oculto do que o nosso.” Seria a linguagem que se volta ao possível passado, ou se dirige ao possível futuro, privilegiando a memória e a imaginação (1995, p. 150).

Esse privilégio, ao introduzir-nos no mundo cujo fascínio é proporcionalmente maior aos desdobramentos de sentido que oferece, implica no reconhecimento de que os múltiplos significados por ele oferecidos podem ser harmônicos ou conflitivos. Como justificaria JUNG, é por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana, que frequentemente utilizamos termos simbólicos para representar conceitos que não podem ser definidos ou compreendidos integralmente (1964 p. 21). A metáfora assume, dessa maneira, especial significado enquanto indicativo das possíveis percepções do ser humano sobre os objetos. Adquire ainda maior fascínio quando o objeto em questão relaciona-se com o mundo do livro e de seus análogos, sobre o que tantos e tão brilhantemente se pronunciaram e tantas metáforas se produziram. Nossa tarefa seria ler o mundo, única fonte de conhecimento para os mortais, segundo WHITMAN (MANGUEL, p.197).

Assim como se faz com o livro, a representação do conhecimento na forma simbólica é uma questão que vem preocupando o mundo da documentação desde sua origem. (VICKERY, p. 329)

Hoje, ela reveste-se de maior complexidade quando se pretende refletir sobre as representações do conhecimento pois estas se concretizam nas mais diversas formas, seja na estrutura de registros de bases de dados, de programas de computador, na estrutura sintática e semântica da linguagem natural ou na representação do conhecimento em inteligência artificial.

Esta representação não é apenas classificatória mas desloca-se em um mundo cujo contexto permite múltiplas significações e sentidos. Nele passa a imperar o sentido da troca e da negociação, permeado por disputas e conflitos, no chamado jogo de intersubjetividades.

E não seria inútil reforçar que as metáforas, como diria BLUMENBERG “não são mais consideradas primeiro e antes de mais nada como representação da esfera que guia nossas hesitantes concepções teóricas, como um hall de entrada para a formação de conceitos, como um dispositivo temporário dentro de linguagens especializadas que ainda não foram consolidadas, mas sim um meio autêntico de compreender contextos” (MANGUEL, p. 196)

Uma das primeiras reflexões sobre bibliotecas, a de Gabriel Naudé, ainda o século XVII, traduz o ideal da ordem bibliográfica instituída, a tornar possível o compartilhamento do saber, de maneira pública e universal. Ao opor-se às idéias de biblioteca como local de retiro, de satisfação de curiosidades ou de paixões bibliófilas, a concepção de Naudé, segundo análise de Teixeira COELHO NETTO, propunha um método crítico, marco do novo paradigma de saber, segundo o qual o passo inicial de qualquer pesquisa seria a realização de um inventário ou balanço preliminar do conhecimento acumulado (1977, p. 77).

Com efeito, as finalidades da biblioteca sofreram através dos séculos mudanças conforme as relações de poder ou mesmo a representação do conhecimento da sociedade.

Na Antiguidade, por exemplo, a biblioteca ou “casa dos tabletes” constituía-se em verdadeiro depósito das unidades de argila que registravam informações e conhecimentos compartilhados pela sociedade.

A biblioteca medieval, por sua vez, foi centro de produção de manuscritos. Seus scriptoria faziam parte de um contexto em que o livro era centro das discussões e da produção do saber, e que se constituiu no embrião das futuras bibliotecas universitárias. Estas, entretanto, viriam a ter seu auge a partir da segunda metade do século XX, quando seriam profundamente renovadas, assim como o foram as próprias universidades, especialmente desenvolvidas e reformuladas em seus currículos, visando a atender as demandas profissionais decorrentes do desenvolvimento das indústrias.

Mas foi com o surgimento dos primeiros livros impressos, que novas perspectivas e demandas se apresentaram, transformando as bibliotecas dos mosteiros e passando a exigir maiores e urgentes cuidados com as obras de seu acervo, não somente devido à quantidade de material produzido, mas principalmente decorrentes do controle que deveria ser exercido para o atendimento dos usuários, cada vez em maior número e com maiores exigências. Essa perspectiva constitui uma nova formação discursiva, que culminará coincidindo com as origens da Ciência da Informação.

Enquanto as relações de poder e as estratégias foram se tornando mais difusas e instáveis a medida em que novas exigências e demandas se instauravam, o saber a elas relacionados é enunciado, visível, estratificado, arquivado e controlado. Os livros deixam de ser acorrentados aos móveis que os suportavam, mas o controle exercido sobre o saber tende a se tornar mais efetivo e abrangente.

Mais tarde, com o humanismo, a biblioteca e os livros passariam a ser objeto de paixão dos estudiosos, revelando suas possibilidades de reconstituir a história e renovar conhecimentos.

As bibliotecas públicas dos países anglo-saxões em meados do século XIX constituíram-se num dos fenômenos mais importantes na história das bibliotecas pois pretendiam proporcionar por meio dos livros a formação profissional, moral e recreativa das classes sociais cujos membros não tiveram acesso ao livro nos séculos anteriores. Mudanças significativas já haviam sido introduzidas na indústria editorial, exercendo maior impulso ao movimento de merca-

do e conseqüentemente à prática da leitura. Esta passa a ser tema de conflito pois, se por um lado era vista como um benefício ao homem pelos conhecimentos adquiridos, por outro, era vista como um fator estimulante de rebeldia, devido à consciência por ele adquirida das suas condições e dos seus direitos.

A Biblioteconomia e a Ciência da Informação passam a se constituir em saber, ao mesmo tempo arquivante e estratégico, que perpetua e torna visível o saber relacionado às formas de poder. Iniciam um processo de controle do conhecimento acumulado, perpetuando-o enquanto discurso. Transformam-se em poder estruturante enquanto contribuem para perpetuar todos os campos de saber e instituído, enquanto se auto-estruturam. A produção de idéias, discursos e ações seria característica determinante de um tipo de subjetividade. Seus efeitos reforçam o poder disciplinar, produto das sociedades ocidentais modernas, vinculadas ao capitalismo industrial, a partir do século XX. Contribuem para que o indivíduo moderno se torne produto de uma objetivação e subjetivação estratégicas cujo elemento diferenciador, segundo Foucault, seria o poder disciplinar.

A questão é discutida também em um artigo intitulado *Positivism, Foucault, and the fantasia of the library* onde RADFORD (1992) analisa a relação entre as concepções de biblioteca e a teoria positivista do conhecimento. Ele identifica dois princípios a reger as atividades biblioteconômicas: o acesso e a neutralidade.

Com relação à representação da biblioteca do futuro, um novo conflito se estabelece. Há os que acreditam no desaparecimento da biblioteca enquanto instituição, pela total impossibilidade de manutenção de acervos correspondentes às necessidades cada vez maiores de atualização dos conhecimentos. Haveria, portanto, um esvaziamento das funções anteriormente exercidas para dar lugar aos aprimorados serviços e recursos advindos da globalização cultural e da informática documentária.

Outra corrente acredita na manutenção da biblioteca tradicional, porém dotada de maior sofisticação em termos de recursos tecnológicos, permitindo a sua expansão através de conexões com outras unidades. Essa nova concepção fundamenta-se na crença de

que é possível manter alguns papéis da biblioteca tradicional, possibilitando aos usuários que a percebam como uma biblioteca de cidade pequena, mas que ao mesmo tempo ela permita a conexão imediata com grandes redes de informação.

A biblioteca do futuro poderia ser uma integração dessas correntes, pois se talvez venha a ser um espaço de menor o afluxo de pessoas, servirá como recurso que elas poderão utilizar à distância.

Metáforas de uma biblioteca...

As interpretações possíveis das concepções de biblioteca, a partir de sua concretização nas sociedades, merecem novos exercícios exploratórios. Em recente pesquisa realizada como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, SILVA (1996) ao trabalhar a teoria de representação social de Moscovici interpretou a percepção dos usuários sobre a Biblioteca do Setor de Ciências Humanas e Educação. Essa interpretação resultou das análises sobre o discurso metafórico explicitado pelos usuários entrevistados.

Foi possível identificar no estudo imagens metafóricas associando a biblioteca a lugares ou conceitos reconhecidos socialmente, tais como: igreja, ritual, templo, armazem, livraria, vitrine, parque, coração, caminho, horizonte, fio condutor, porto seguro, hospital e cemitério.

A metáfora representada pelos conceitos de igreja, templo e ritual, aos quais se integram outros como os de respeito, imponência, poder e silêncio, sugere as concepções mais remotas de biblioteca, cuja existência junto aos mosteiros implicava em valores instituídos e respeitados como sagrados. Eram detentores de um poder indiscutível, respeitados e aceitos. Esta percepção foi brilhantemente colocada por ECO (1985) na obra *O nome da Rosa*, onde a biblioteca é vista como o local de sobriedade litúrgica, indissolivelmente ligado à religião e aos seus cerimoniais.

As três idéias seguintes - armazém, livraria e vitrine - representariam os locais onde as obras são armazenadas, expostas e até certo ponto acessíveis. As duas primeiras decorrem de imagens introjetadas pela sociedade ao longo de sua história e aproximam-se dos conceitos anteriormente analisados, remetendo-nos à idéia de depósito e guarda de manuscritos. Já a metáfora expressa pelo termo vitrine sugere uma concepção que, embora estática, não deixa de representar um certo dinamismo ao expor o objeto livro aos olhos de quem se aproxima, de modo a que seja visto e até cobiçado, mas nem sempre adquirido. Simboliza, assim como a idéia de livraria, a presença do livro enquanto produto do mercado e objeto de suas leis.

O parque, o coração e o porto seguro, como metáforas da biblioteca, remetem-nos a uma abertura de perspectivas. O parque, ao revelar a natureza, o prazer do tempo livre, do espaço aberto, do lazer fora das quatro paredes, representa a leitura enquanto possibilidade de divagar, sonhar, voar, conhecer outros mundos e criar espaços abertos e ilimitados. A metáfora coração representa a biblioteca enquanto vida, centro, pulsação vital, dinamismo de uma sociedade. Quanto ao porto seguro, pode sugerir conceitos como os de firmeza, consistência, ancoradouro de idéias e de conhecimentos que se sobrepõem e se interpenetram para a construção do saber.

Três conceitos que nos indicam possibilidades de novas descobertas - o caminho, o horizonte e o fio condutor - abrem também perspectivas de criação e transformação. Remetem-nos à idéia do grande labirinto, apontado por Foucault. Cada caminho seria uma possibilidade silenciosa, um potencial para novas conexões. Os espaços entre os livros seriam "fantasias cuidadosamente desenvolvidas no silêncio das bibliotecas com suas estantes de livros alinhados em prateleiras apertadas, mas que dentro confinam a liberação de mundos impossíveis" (RADFORD, 1992, p. 419).

Finalmente idéias como as de cura e morte são expressas nas metáforas hospital e cemitério. Embora o conceito de hospital possa apontar para um corte da vida, ele também sugere uma possibilidade de recuperação e manutenção da mesma. Já a idéia de

cemitério enterra tais possibilidades, apontando para imagens como a de morbidez, escuridão, velhice, ranço, e poeira. Inspirada pelo lado sombrio da natureza e das coisas, essa orientação mórbida pode ser considerada como um símbolo da palavra morta, impressa no livro e, portanto, estratificada, por representar as estruturas fechadas e a concepção bancária da educação e por fundamentar-se na reprodução de conceitos e nos conteúdos decorados ad infinitum.

Se por um lado as metáforas expressam idéias associadas ao cotidiano e à vida das pessoas, revelando suas percepções, seu imaginário e até suas contradições na prática e no discurso, por outro lado, elas também podem expressar a maneira como essas pessoas adquirem e produzem os seus conhecimentos, construindo saberes especiais, nem sempre privilegiados no mundo dito "científico". Eles pertencem a um mundo onde nada é definitivo, uma região distante da sociedade massificada e do indivíduo reificado, onde como diria MILANESI se encontram a "tribalização perdida" e as contradições emocionantes (1991, p. 183).

As reflexões aqui iniciadas nos permitem reconhecer nessas crenças e valores, existentes na sociedade e perceptíveis na linguagem simbólica, universos riquíssimos para desdobramento e interpretação futuros, e nos convidam a revisitar o homem e o mundo, para melhor compreendê-los no processo histórico em que se constituem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. Art rhétorique et art poétique. Paris : Librairie Garnier, 1944.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo : Ática, 1995.
- COELHO NETTO, José Teixeira. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo ; FAPESP; Iluminuras, 1997.

- ECO, Umberto. O nome da rosa. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- JUNG, Carl G. O homem e seus símbolos. 4. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, [19—?]
- MANGUEL, Alberto. Uma história das leituras. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.
- MILANESI, Luís. A casa da invenção. Centros de cultura: um perfil. São Paulo : Siciliano, 1991.
- PLATÃO. A República: livro VII. Brasília : Editora UnB, 1989.
- RADFORD, Gary P. Positivism, Foucault and the fantasia of the library: conceptions of knowledge and the modern library experience. *The Library Quarterly*, v. 62, n. 4, p. 408-424, Oct. 1992.
- SILVA, Helena de Fátima Nunes. A biblioteca e suas representações: análise das representações de alunos e professores na UFPR. Curitiba, 1966. Dissertação (Mestrado em Educação. Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná).
- VICKERY, B. C. Letters. *Journal of Documentation*, v. 48, n. 3, p. 327, mar. 1992.

ABSTRACT

"Analyses from a theoretical and virtual point of view some conceptual aspects of the library as institution. The concept of library usually is expressed subjectively through discourse, mental representations, perceptions and contradictions inherent to the acquisition of knowledge.

Key-words: Concept of library.